



# STEVEN ERIKSON

## JARDINS DA LUA

O LIVRO MALAZANO DOS CAÍDOS – I

*"Verdadeiramente épico, Erikson não tem igual quando o assunto é ação e imaginação, e sua visão mítica é equiparável à de nomes como Tolkien."*

– SF Site



## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Este romance é dedicado a

I. C. Esslemont.

Mundos a conquistar,  
mundos a compartilhar.

## PREFÁCIO

De nada adianta começar algo sem ambição. Permaneci fiel a esse preceito em muitas áreas da minha vida, e isso fez com que eu tivesse sérios problemas mais de uma vez ao longo dos anos. Ainda me lembro com certa amargura da resposta que Cam (Ian C. Esslemont) e eu recebemos quando tentávamos vender os direitos para o cinema e para a televisão de roteiros que havíamos escrito juntos: “Maravilhoso! Único! Muito engraçado, muito sombrio... mas aqui no Canadá, bom, nós não temos orçamento para esse tipo de coisa. Boa sorte.” Sob muitos aspectos, o mais arrasador de tudo era o que vinha a seguir, à guisa de conselho: “Tentem algo mais simples. Que seja igual às coisas que estão por aí. Algo menos... ambicioso.”

Costumávamos sair das reuniões frustrados, desanimados, perplexos. As pessoas de fato tinham sugerido que deveríamos ser medíocres? Pelo menos parecia que sim.

*Jardins da lua...* Só de pensar nesse título, ressurgue toda aquela ambição, aquela ferocidade juvenil que tantas vezes pareceu me lançar de cabeça contra um muro. A necessidade de ir além. De desafiar as convenções. De investir com vontade.

Gosto de pensar que, na época, eu tinha plena consciência do que fazia. Que minha visão era cristalina e que eu de fato estava ali, pronto para cuspir na cara do gênero ao mesmo tempo que chafurdava nele. (Como poderia ser de outra forma? Por mais que eu reclamasse dos padrões, adorava ler aquelas histórias.) Hoje em dia não tenho tanta certeza. É fácil seguir o instinto no momento, depois olhar para trás e atribuir uma consciência lógica a tudo o que deu certo – e ao mesmo tempo ignorar tudo o que não deu. Fácil demais.

Muitos anos e muitos romances depois, certos fatos se tornaram bastante claros. Ao lerem *Jardins da lua*, as pessoas vão odiar ou amar meu trabalho. Não há meio-termo. É claro que eu preferiria que todo mundo amasse, mas entendo que jamais será assim. Os livros desta série não são para leitores preguiçosos. Não é possível apenas passar por eles. Para piorar, o primeiro romance começa no meio do que parece uma maratona: ou você entra correndo e consegue se manter em pé, ou então fica para trás.

Quando recebi o desafio de escrever este prefácio, cogitei por um tempo usá-lo

para suavizar o golpe, amenizar o choque de ser lançado de uma grande altura em águas muito profundas, bem na primeira página de *Jardins da lua*. Um pouco de contexto, um pouco de história, um pouco de preparação do cenário. De lá para cá, rejeitei essa ideia quase inteiramente. Não me lembro de Frank Herbert ter feito nada desse tipo com *Duna*, caramba, e se existe um romance que me serviu de inspiração direta em termos de estrutura, foi esse. Seja fictícia ou não, uma história não tem um ponto inicial de verdade: até mesmo a ascensão e a queda das civilizações são muito mais confusas no início e no fim do que as pessoas poderiam imaginar.

A estrutura de *Jardins da lua* ganhou vida pela primeira vez num RPG. Seu esboço inicial foi um roteiro para um longa-metragem coescrito pelos dois criadores do mundo malazano, eu mesmo e Ian C. Esslemont, e que ficou esquecido por falta de interesse. “Não fazemos filmes de fantasia porque eles são uma bomba. Esse gênero morreu. São necessários figurinos especiais, e hoje dramas de época estão tão mortos quanto faroestes...” Mais tarde, várias produtoras de cinema os contradisseram, bem mais tarde *O Senhor dos Anéis* chegou às telonas.

Tínhamos o material e sabíamos que fantasias épicas para adultos eram o último gênero inexplorado no cinema, sem contar, é claro, *Willow – Na terra da magia*, que aos nossos olhos só tinha mérito pela cena da encruzilhada; o resto era infantil do início ao fim. E todos os outros filmes que estavam sendo lançados eram de segunda categoria ou chocantes de tão falhos (por todos os deuses, o que poderiam ter feito de bom em *Conan, o bárbaro*!). Queríamos uma versão de fantasia de *O leão no inverno*, aquele com Peter O’Toole e Katharine Hepburn. Ou da adaptação de *Os três mosqueteiros* com Michael York, Oliver Reed, Rachel Welch, Richard Chamberlain, etc., só que com uma pitada de magia. Nossa produção preferida na TV era *The Singing Detective*, de Dennis Potter, a versão original com Michael Gambon e Patrick Malahide. Queríamos algo sofisticado, entendem? Tentávamos vender o gênero fantasia naquele contexto empolgante, cintilante, de fazer o queixo cair. Em outras palavras, éramos ambiciosos pra caramba.

Provavelmente também não estávamos prontos. Ainda não tínhamos o necessário. Nossas ideias superavam nossas habilidades e estávamos limitados pela inexperiência. A maldição dos jovens.

Quando a vida nos levou a rumos distintos, carregamos conosco as anotações de todo um mundo imaginado, construído durante horas e horas de RPG. Tínhamos uma história gigantesca completamente montada – matéria-prima para vinte romances e o dobro desse número em filmes. E um roteiro que ninguém queria. Lá estava o mundo malazano, em centenas de mapas feitos à mão, páginas

e mais páginas de textos soltos, fichas de personagens, em plantas baixas de construções e desenhos, nos esquemas com base no Generic Universal RolePlaying System... Enfim, tudo o que se possa imaginar.

A decisão de começar a escrever a história do mundo de Malaz veio alguns anos depois. Eu transformaria o roteiro em um romance. Cam escreveria um livro associado com o nome *Return of the Crimson Guard*. Como eram obras de ficção, a autoria seria atribuída a quem escrevesse, a quem ordenasse as palavras no papel. O script de *Jardins da lua* tinha três atos, todos ambientados em Darujhistan, e eu precisaria começar praticamente do zero para fazer a conversão. Os principais acontecimentos eram a guerra de assassinos nos telhados e o grandioso e explosivo final do Festival. Não havia quase mais nada. Nenhum passado, nenhum contexto, nenhuma real apresentação dos personagens. Na verdade, estava mais para *Indiana Jones e os caçadores da arca perdida* do que para *O leão no inverno*.

A ambição nunca morre. Ela pode se afastar, resmungando, arrastando os pés, mas então se transfere para outra coisa, em geral para o projeto seguinte. Ela não aceita um “não” como resposta.

Durante o processo de escrita dos *Jardins*, logo descobri que o “passado” seria um problema, independentemente do quanto eu recuasse no tempo. Percebi que deixaria meus leitores perdidos se não lhes desse informações aos pouquinhos (algo que me recusava a fazer, pois já tinha reclamado o suficiente de épicos que nos tratavam como idiotas), se não “simplificasse”, se não entrasse nos trilhos já muito percorridos do que acontecera. Não só os leitores, mas também os editores, *publishers*, agentes...

Porém, como leitor, como fã, nunca me importei em ficar perdido, pelo menos por um tempinho, às vezes até por um tempão. Se outros elementos me levavam adiante, tudo bem. Lembre que eu venerava o dramaturgo Dennis Potter. Era também fã de *Os nomes*, de Don DeLillo, e de *O pêndulo de Foucault*, de Umberto Eco. O leitor que eu imaginava era capaz e estava disposto a carregar aquele peso a mais – as perguntas ainda sem resposta, os mistérios, as alianças incertas.

Na verdade, é assim que funciona: existem as pessoas que desistem em algum ponto do primeiro terço de *Jardins da lua* e as que continuam até hoje a acompanhar a série, por volumes e mais volumes.

Já me perguntaram se eu teria feito algo de outro jeito. Com toda a sinceridade, não sei responder. Ah, sim, mudaria alguns elementos de estilo aqui e ali, porém, de resto, não sei bem o que mais poderia ter feito. Não sou nem nunca serei um escritor que se contenta com uma narrativa cuja única função é informar o

leitor sobre contexto, história ou qualquer outra coisa. Se ela não tiver múltiplas funções – e quero dizer múltiplas mesmo –, não fico satisfeito. Acontece que, quanto mais elaborado se torna o universo, maior a probabilidade de ocorrer um discreto desvio rumo a uma direção equivocada, a um truque do enredo, e todos os aspectos do ambiente, ainda que possam estar presentes, acabam enterrados, e enterrados bem fundo.

Foi um processo de escrita acelerado, mas também denso, de uma forma que ainda não consigo compreender de todo. Assim, *Jardins da lua* convida a ler num ritmo alucinante. Mas, como autor, recomendo: é melhor não sucumbir à tentação.

Aqui estamos nós, agora anos mais tarde. Será que devo me desculpar por um convite à leitura tão bipolar? Até que ponto dei um tiro no pé ao usar *Jardins da lua* como introdução ao mundo malazano? E será que este livro me obrigou a fazer malabarismos para sempre? Talvez. Às vezes, nas horas de ócio, eu me pergunto: e se eu tivesse pegado aquela grande colher de pau e despejado a gororoba toda pela goela abaixo dos leitores, como alguns autores de fantasia (extremamente bem-sucedidos) costumam fazer? Será que hoje minhas obras estariam nas listas de mais vendidos? Esperem aí... Estou sugerindo que esses escritores ultrapopulares conquistaram sucesso nivelando suas histórias por baixo? Nada disso. Bem, nem todos. Mas olhem a situação do meu ponto de vista. Depois de oito anos de espera, e após me mudar para o Reino Unido, é que este livro conseguiu encontrar uma editora. Foram necessários outros quatro anos para fechar um contrato nos Estados Unidos. E qual era a reclamação? “Complicado demais, personagens em excesso. Muito... ambicioso.”

Eu poderia dizer que *Jardins da lua* marcou um distanciamento dos padrões habituais da fantasia, portanto era provável que encontrasse resistência, mas meu ego não é tão grande assim. A mim nunca pareceu um distanciamento. As séries Dread Empire e A Companhia Negra haviam aberto o caminho, só que eu já tinha lido todos os volumes e, como queria mais, o jeito era escrevê-los eu mesmo (Cam também sentia isso). Embora não seja do meu estilo fazer imitações, com certeza poderia ter me esforçado para alcançar o mesmo tom de cinismo pessimista e sarcástico, a mesma ambivalência e atmosfera. Talvez eu tivesse consciência de que me afastava do conceito da luta do Bem contra o Mal, porém mais como consequência do amadurecimento: o mundo real não é assim, então por que insistir em desconectar os mundos de fantasia da realidade?

Bom, eu não sei. Só de pensar nisso já fico exausto.

*Jardins da lua* é o que é. Não tenho planos de revisá-lo. Nem saberia por onde começar.

Melhor proporcionar aos leitores uma decisão rápida sobre esta série, logo no início do primeiro volume, do que provocá-los por cinco ou seis livros antes de eles virarem as costas por repulsa, desinteresse ou seja lá o que for. Talvez, de um ponto de vista comercial, a segunda alternativa seja preferível, pelo menos a curto prazo. Mas, graças a Deus, meus editores hoje sabem identificar uma falsa economia.

*Jardins da lua* é, portanto, um convite. Segure-se e embarque na viagem. Tudo o que posso prometer é que dei o melhor de mim para entreter a todos. Maldições e aplausos, risos e lágrimas, está tudo lá.

Uma última palavra aos escritores iniciantes que estão por aí: ambição não é uma palavra proibida. Que se dane a moderação. Vão direto na jugular. Escrevam com garra, com energia. É uma jornada mais difícil, com certeza, mas, acreditem, vale muito a pena.

Abrços,  
Steven Erikson  
Victoria, Colúmbia Britânica  
Dezembro de 2007



## PERSONAGENS

### *Império Malazano*

#### EXÉRCITO DE UMBRAÇO

*Tattersail*, feiticeira do quadro do Segundo Exército, leitora do Baralho de Dragões

*Hairlock*, mago do quadro do Segundo Exército, rival desagradável de Tayschrenn

*Calot*, mago do quadro do Segundo Exército, amante de Tattersail

*Jovem Toc*, batedor, Segundo Exército, agente da Garra ferido gravemente no Cerco de Pale

#### OS QUEIMADORES DE PONTES

*Sargento Whiskeyjack*, Nono Pelotão, antigo comandante do Segundo Exército

*Cabo Kalam*, Nono Pelotão, um ex-Garra das Sete Cidades

*Ben Ligeiro*, Nono Pelotão, mago das Sete Cidades

*Piedade*, Nono Pelotão, assassina mortífera com aparência de uma jovem

*Azarve*, Nono Pelotão, sapador

*Violinista*, Nono Pelotão, sapador

*Trote*, Nono Pelotão, guerreiro barghastiano

*Marreta*, Nono Pelotão, curandeiro do grupo

*Sargento Inquieto*, Sétimo Pelotão

*Seletora*, Sétimo Pelotão

#### COMANDO IMPERIAL

*Ganoes Stabro Paran*, um oficial do Império Malazano, nobre de nascimento

*Dujek Umbraço*, Alto Punho dos Exércitos Malazanos na Campanha de Genabackis

*Tayschrenn*, Alto Mago da imperatriz

*Bellurdan*, Alto Mago da imperatriz

*Nightchill*, Alta Feiticeira da imperatriz

*A'Karonys*, Alto Mago da imperatriz  
*Lorn*, conselheira da imperatriz  
*Topper*, um comandante da Garra  
*Imperatriz Laseen*, governante do Império Malazano

CASA PARAN (UNTA)  
*Tavore*, irmã de Ganoes (filha do meio)  
*Felisin*, irmã caçula de Ganoes  
*Gamet*, um guarda da casa e veterano

DA ÉPOCA DO IMPERADOR  
*Imperador Kellanved*, o fundador do Império, assassinado por Laseen  
*Dançarino*, o principal conselheiro do imperador, assassinado por Laseen  
*Surly*, antigo nome de Laseen, quando era comandante da Garra  
*Dassem Ultor*, Primeira Espada do Império, assassinado fora dos muros de Y'ghatan, nas Sete Cidades  
*Velho Toc*, desaparecido nos expurgos que Laseen fez na Velha Guarda

## *Em Darujhistan*

FREQUENTADORES HABITUAIS DA TABERNA DA FÊNIX  
*Kruppe*, homem de falsa modéstia  
*Crokus Jovemão*, ladrão moço  
*Rallick Nom*, assassino da Sociedade  
*Murillio*, membro da corte  
*Coll*, bêbado  
*Meese*, uma cliente  
*Irilta*, uma cliente  
*Scurve*, taberneiro  
*Sulty*, uma atendente  
*Chert*, valentão azarado

CONSPIRAÇÃO T'ORRUID  
*Baruk*, Alto Alquimista  
*Derudan*, bruxa de Tennes  
*Mammot*, sumo sacerdote de D'riss e estudioso eminente, tio de Crokus

*Travale*, soldado adepto da Conspiração

*Tholis*, Alto Mago

*Parald*, Alto Mago

#### CONSELHO

*Turban Orr*, poderoso conselheiro e amante de Simtal

*Lim*, aliado de Turban Orr

*Simtal*, senhora da Propriedade Simtal

*Estraysian D'Arle*, um rival de Turban Orr

*Challice D'Arle*, sua filha

#### SOCIEDADE DOS ASSASSINOS

*Vorcan*, mestra da Sociedade (também conhecida como Mestra dos Assassinos)

*Ocelot*, líder do clã de Rallick Nom

*Talo Krafar*, assassino do clã Jurrig Denatte

*Krute de Talient*, um agente da Sociedade

#### TAMBÉM NA CIDADE

*A Enguia*, conhecido mestre-espião

*Rompedor de Círculos*, um agente da Enguia

*Vildrom*, um guarda da cidade

*Stillis*, capitão da guarda da Propriedade Simtal

### *Outros participantes*

#### OS TISTE ANDII

*Anomander Rake*, Senhor da Cria da Lua, Filho da Escuridão,  
Cavaleiro da Escuridão

*Serrat*, segunda em comando de Rake

*Korlat*, caçadora noturna e parente de sangue de Serrat

*Orfantal*, caçador noturno

*Horult*, caçador noturno

## OS T'LAN IMASS

*Logros*, comandante dos clãs de t'lan imass que servem ao Império  
Malazano

*Onos T'oolan*, guerreiro sem clã

*Pran Chole*, Invocador de Ossos (xamã) dos Kron T'lan Imass

*Kig Aven*, líder de clã

## OUTROS

*Bruxa*, Grande Corvo, serva de Anomander Rake

*Silannah*, uma eleint, companheira de Anomander Rake

*Raest*, tirano jaghut

*K'rul*, deus ancestral, Criador dos Caminhos

*Caladan Brood*, senhor da guerra que enfrenta os exércitos malazanos  
na Campanha do Norte

*Kallor*, segundo em comando de Brood

*Príncipe K'azz D'Avore*, comandante da Guarda Escarlate

*Jorrick Lançafiada*, oficial da Guarda Escarlate

*Capelo*, Alto Mago da Guarda Escarlate

*Cabo Azul*, Sexta Lâmina da Guarda Escarlate

*Dedos*, Sexta Lâmina da Guarda Escarlate

*Baran*, Cão da Sombra

*Cega*, Cão da Sombra

*Engrenagem*, Cão da Sombra

*Crucifixo*, Cão da Sombra

*Shan*, Cão da Sombra

*Doan*, Cão da Sombra

*Ganrod*, Cão da Sombra

*Trono Sombrio / Ammanas*, governante do Labirinto da Sombra

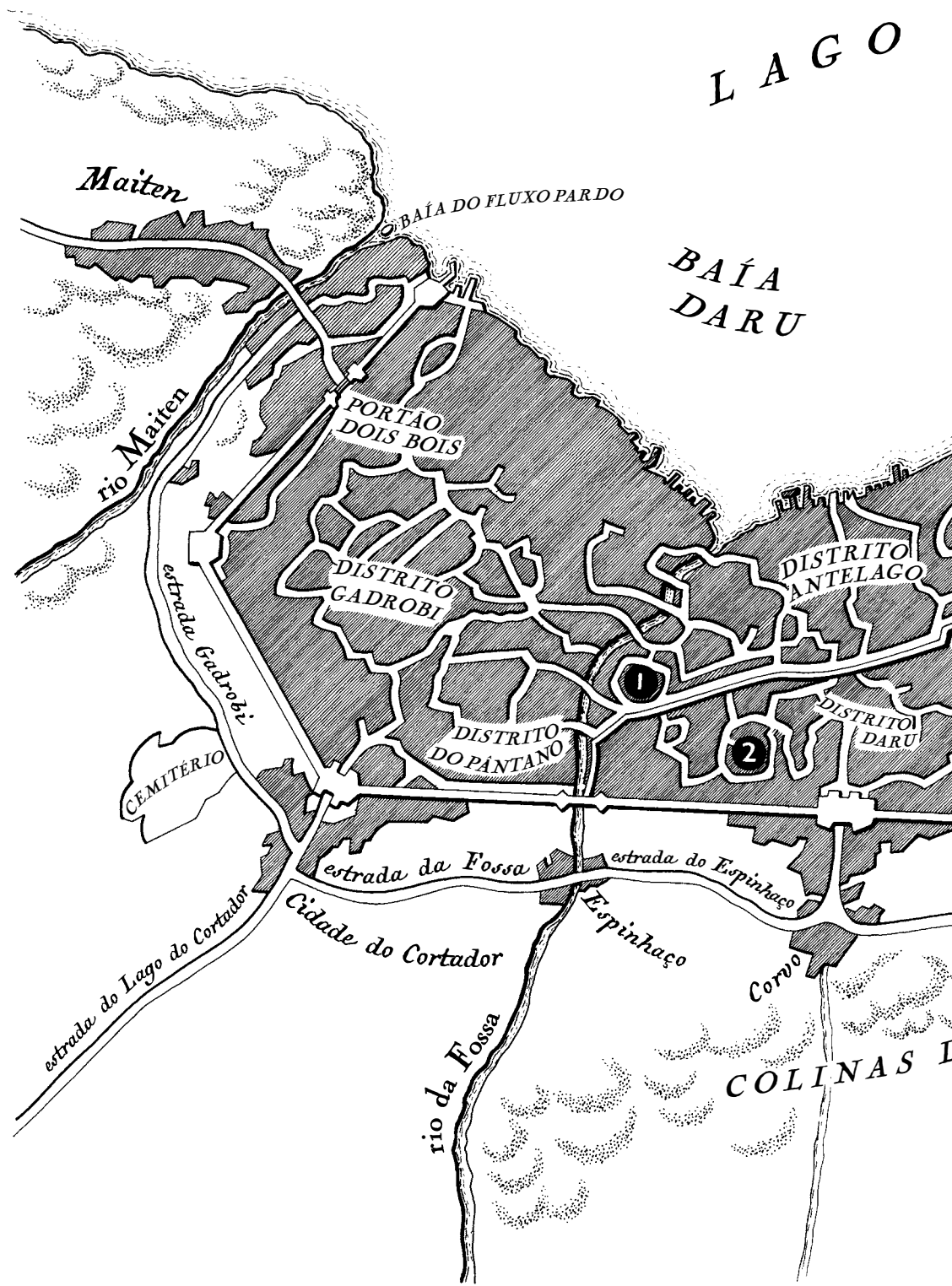
*A Corda / Cotillion*, companheiro de Trono Sombrio e Patrono dos  
Assassinos

*Icarium*, Construtor da Roda das Eras de Darujhistan

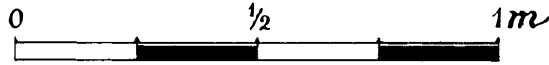
*Mappo*, companheiro de Icarium

*Vidente de Pannion*, tirano profeta que governa o Domínio Pannion

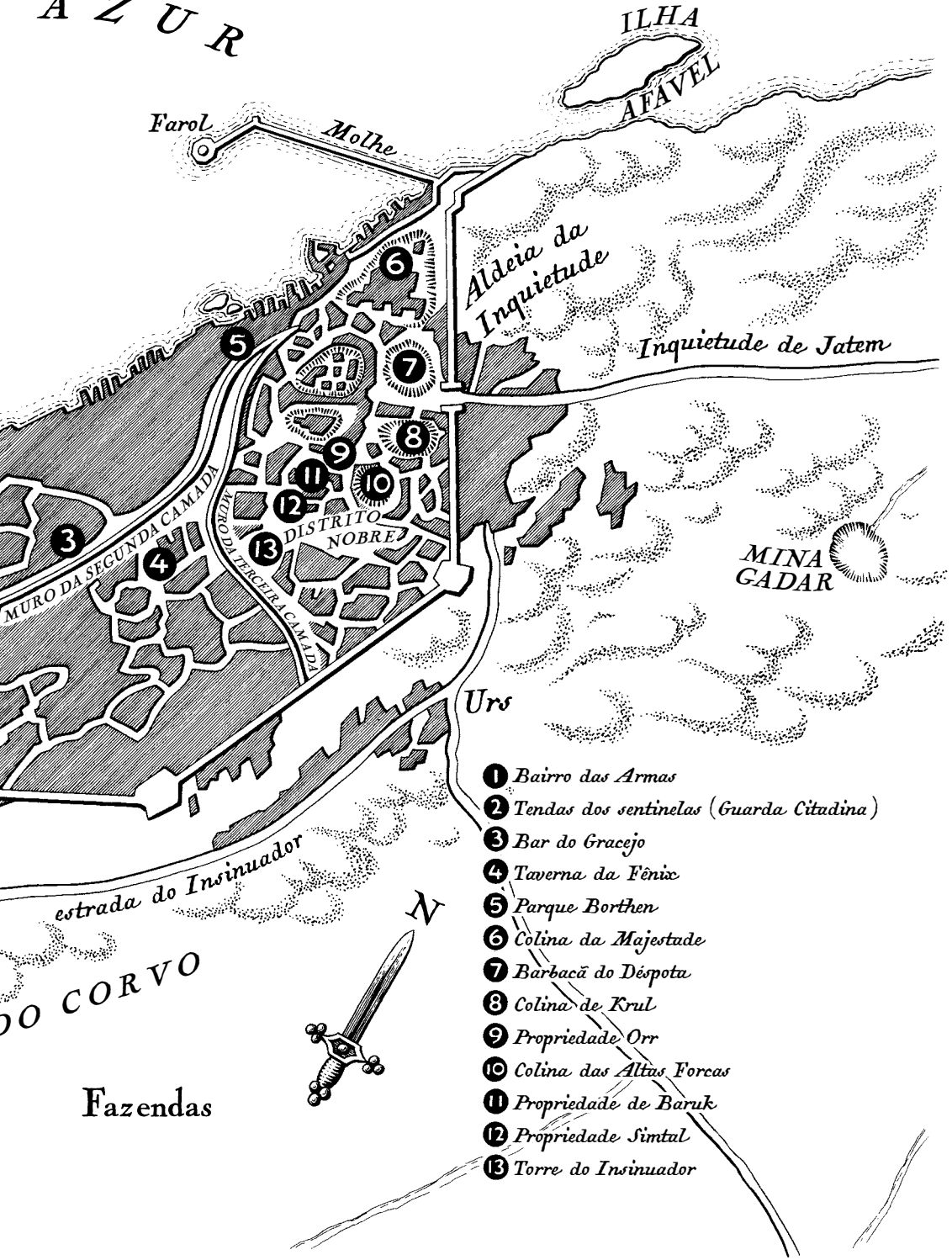
# Darujhistan



# ESCALA







A Z U R



# GENABACKIS:

*A campanha malazana - c. 1160 do Sono da Incineração*

-  DOMÍNIO PANNION
-  ANTIGAS CIDADES LIVRES
-  BATALHAS
-  OCUPAÇÃO MALAZANA

ESCALA



OCEANO MENINGALLE

N



Para Morn

Para Elingarth

Agora que estas cinzas esfriaram, abramos o livro antigo.  
Estas páginas manchadas de óleo narram as histórias dos Caídos,  
de um império desgastado, com palavras sem calor. A lareira se apagou,  
seu brilho e suas centelhas de vida são apenas memórias  
em olhos baços – o que conduz minha mente, o que matiza meus  
pensamentos, enquanto abro o Livro dos Caídos  
e inspiro profundamente o aroma da História?  
Ouça, então, estas palavras levadas nesse sopro.  
Estas histórias são as histórias de todos nós outras e outras vezes.  
Somos História revivida e isso é tudo, sem o fim que é tudo.



O imperador está morto!

Assim como sua mão direita – agora morta, agora cortada!

Mas atente a essas sombras agonizantes,  
entrelaçadas e deslizando sangrentas e derrotadas  
para baixo e fora das vistas mortais...

Do governo do cetro destituído,  
do castiçal dourado a luz agora escapou,  
da lareira revestida em joias intrincadas,  
por sete anos esse calor sangrou...

O imperador está morto.

Assim como seu companheiro subjugado, a corda para sempre cortada.

Mas atente a este retorno florescente –  
escuridão hesitante, a mortalha em trapos –  
acolhendo crianças na luz agonizante do Império.

Ouçá agora a elegia debilmente retomada  
antes do pôr do sol, este dia derrama vermelho  
na terra deformada, e em olhos de obsidiana  
a vingança soa sete vezes...

*Chamado à sombra* (I.i 1-18),

Felisin (nasc. 1146)

## PRÓLOGO

*Ano 1154 do Sono da Incineração*

*Ano 96 do Império Malazano*

*O último ano do reinado do imperador Kellanved*

As manchas de ferrugem pareciam mares de sangue na superfície escura e cheia de marcas da Grimpa do Escárnio. Com um século de idade, acorrava-se na ponta de uma velha lança cravada no topo externo da muralha da Fortaleza. Monstruosa e disforme, tinha sido forjada a frio na forma de um demônio alado, com dentes à mostra em um sorriso mordaz que, a cada rajada, era jogada de um lado para outro, guinchando em protesto.

Os ventos estavam contrários no dia em que colunas de fumaça subiram do Bairro do Rato, na cidade de Malaz. O silêncio da Grimpa anunciava a repentina diminuição da brisa marinha, que se elevava pelo muro irregular da Fortaleza do Escárnio, e rangia de volta à vida quando o ar quente, carregado e repleto de fumaça do Bairro do Rato atravessava a cidade para varrer as alturas do promontório.

Ganoes Stabro Paran, da Casa Paran, ficou na ponta dos pés para enxergar por sobre o merlão. Atrás dele se estendia a Fortaleza do Escárnio, outrora capital do Império, mas que, desde a conquista do continente, ficara relegada outra vez a uma fortaleza do Punho. À sua esquerda estava a lança com seu troféu desajeitado.

A antiga fortificação acima da cidade era familiar demais a Ganoes para atrair seu interesse. Aquela era sua terceira visita ao local em muitos anos. Tempos antes, explorara o pátio calçado de pedras, a Velha Masmorra – agora um estábulo, cujo andar de cima servia de lar para pombos, andorinhas e morcegos – e a cidadela, onde seu pai negociava com os oficiais do porto naquele momento. Uma parte considerável desse último local, é claro, ficava além dos limites que lhe eram permitidos, mesmo sendo o filho de uma casa nobre, pois era na cidadela que o Punho residia, e era nas câmaras internas que os negócios do Império relativos àquela ilha eram conduzidos.

Com a Fortaleza do Escárnio esquecida atrás dele, a atenção de Ganoes estava voltada para a cidade em ruínas abaixo e para os tumultos que ocorriam em seu bairro mais pobre. O nível mais alto do Pináculo era alcançado por uma

escada tortuosa, esculpida no calcário da parede do penhasco. Até a cidade abaixo, contavam-se aproximadamente 160 metros, com o muro corroído da fortaleza acrescentando talvez mais uns 10. O Rato ficava dentro dos limites da cidade, uma dispersão desigual de casebres e mato cortada ao meio pelo rio lodoso que se arrastava até o porto. Como a maior parte de Malaz se descortinava entre o local onde Ganoes se encontrava e o lugar dos conflitos, era difícil discernir qualquer detalhe para além das colunas crescentes de fumaça negra. Era meio-dia, mas os relampejos e o impacto trovejante de magia faziam o ar parecer escuro e pesado.

Com a armadura tilintante, um soldado apareceu perto dele na muralha. O homem apoiou os braços na ameia, a bainha da espada arrastando nas pedras.

– Feliz pelo seu sangue puro, hein? – falou ele, com os olhos cinzentos fixos na cidade fumegante abaixo.

O menino examinou o soldado. Já conhecia todos os equipamentos e acessórios regimentais do Exército Imperial, e o homem ao seu lado era um comandante no Terceiro – um dos leais ao imperador, da elite. No ombro, trazia um broche prateado prendendo a capa cinza-escura: uma ponte de pedra envolta por chamas de rubi. *Um Queimador de Pontes*. Era comum militares de alto escalão e oficiais civis do Império passarem pela Fortaleza do Escárnio. A ilha de Malaz continuava sendo um porto de escala vital, especialmente agora que as guerras de Korel, ao sul, haviam começado. Ganoes já esbarrara com muitos deles, ali e em Unta, a capital.

– É verdade, então? – perguntou Ganoes, atrevido.

– É verdade o quê?

– A Primeira Espada do Império, Dassem Ultor. Ouvimos na capital antes de partir. Ele está morto? É verdade? Dassem morreu?

O homem pareceu vacilar, os olhos ainda fixos no Rato.

– Assim é a guerra – murmurou, como se as palavras não fossem para os ouvidos de mais ninguém.

– Você está com o Terceiro. Pensei que o Terceiro estivesse com ele, nas Sete Cidades, em Y’Ghatan...

– Pelo sopro do Encapuzado, continuam a procurar o corpo dele nos escombros ainda quentes daquela cidade maldita, e aqui está você, o filho de um mercador, a quase 20 mil quilômetros das Sete Cidades, com uma informação que apenas alguns deveriam possuir. – O soldado continuava sem encarar Ganoes. – Não conheço suas fontes, mas ouça meu conselho: guarde o que sabe para si mesmo.

O menino deu de ombros.

– Disseram que ele traiu um deus.

Finalmente o homem se virou. Seu rosto era repleto de cicatrizes e algo que parecia ser uma queimadura desfigurava o maxilar e a face esquerda. Apesar de tudo, parecia jovem demais para ser um comandante.

– Preste atenção nesta lição, filho.

– Que lição?

– Toda decisão que você toma pode mudar o mundo. A melhor vida é aquela que os deuses não notam. Se quiser viver livre, garoto, viva sem fazer muito barulho.

– Quero ser um soldado. Um herói.

– Você vai crescer e superar isso.

A Grimpa do Escárnio guinchou quando uma rajada contrária vinda do porto dissipou a fumaça. Ganoes conseguia sentir o cheiro de peixe podre e o fedor de humanos à beira-mar.

Outro Queimador de Pontes, com uma rabeca quebrada e chamuscada presa às costas, veio até o comandante. Era musculoso e mais jovem – apenas alguns anos mais velho que Ganoes, que tinha 12. Estranhas cicatrizes de pústulas lhe cobriam o rosto e as costas das mãos, e sua armadura era uma mistura de peças estrangeiras sobre um uniforme puído e manchado. Uma espada curta pendia de uma bainha de madeira quebrada presa ao quadril. Ele se encostou ao merlão, ao lado do outro homem, com a falta de cerimônia própria da familiaridade.

– O cheiro fica ruim quando os feiticeiros entram em pânico – disse o recém-chegado. – Estão perdendo o controle lá embaixo. Não entendi a necessidade de um quadro inteiro de magos só para desentocar algumas bruxas da cera.

O comandante suspirou.

– Pensei em esperar para ver se eles tomam as rédeas da situação.

O soldado grunhiu.

– São todos novos, inexperientes. Isso pode marcar alguns deles para sempre. Além disso, vários lá embaixo apenas seguem ordens.

– Uma suspeita, nada mais.

– A prova está bem ali – disse o outro homem. – No Rato.

– Talvez.

– Você é muito protetor – comentou o soldado. – Surly fala que é sua maior fraqueza.

– Surly é problema do imperador, não meu.

O soldado voltou a grunhir.

– Talvez de todos nós, antes do que possamos imaginar.

O comandante se virou lentamente para fitar seu companheiro. O soldado encolheu os ombros.

- É só um pressentimento. Ela escolheu outro nome, sabe? Laseen.
- Palavra napaniana. Significa...
- Eu sei o que significa.
- Espero que o imperador também saiba.
- Significa “Mestre do Trono” – disse Ganoes.

Os dois homens olharam para o garoto. O vento mudou outra vez, fazendo o demônio de ferro gemer em seu poleiro e trazendo um cheiro de pedra fria da própria Fortaleza.

- Meu tutor é napaniano – explicou Ganoes.
- Comandante – ouviu-se uma voz feminina, imperiosa e fria, vinda de trás. Ambos os soldados se viraram, mas sem pressa.

– A nova companhia precisa de ajuda lá embaixo – disse o comandante a seu companheiro. – Mande Dujek e uma ala, e consiga alguns sapadores para conter os incêndios. Não adiantaria a cidade toda ser queimada.

O soldado assentiu e se afastou, sem nem sequer olhar para a mulher.

Ela estava parada com dois guarda-costas perto do portal da torre quadrada. Sua pele azul-escura indicava que era napaniana, mas, de resto, nada se destacava: trajava um vestido cinza manchado de sal, o cabelo castanho estava cortado rente como o de um soldado e o rosto magro não chamava a atenção. Foram os guarda-costas que fizeram Ganoes estremecer. Eram altos, vestiam preto, as mãos escondidas em luvas, os rostos sob capuzes. Ganoes nunca vira um Garra antes, mas instintivamente soube que aquelas criaturas eram acólitos do culto. Isso significava que a mulher era...

– A bagunça é sua, Surly – disse o comandante. – Parece que vou precisar limpar.

Ganoes ficou chocado com a ausência de medo, com o quase desprezo na voz do soldado. Surly criara a Garra, fazendo dela um poder que rivalizava apenas com o do próprio imperador.

- Esse não é mais o meu nome, comandante.

O homem fez uma careta.

– Ouvi dizer. Você deve estar se sentindo confiante na ausência do imperador. Ele não é o único que se lembra de você como nada mais que uma serviçal do Bairro Velho. Presumo que a gratidão tenha se desvanecido desde então.

O rosto da mulher não demonstrou se as palavras a haviam atingido.

– A ordem foi simples – replicou ela. – Parece que seus novos oficiais são incapazes de cumprir a tarefa.

– A situação saiu do controle – reagiu o comandante. – Eles são inexperientes...

– Não é problema meu. Nem estou desapontada. A perda de controle serve de lição aos nossos opositores.

– Nossos opositores? Um punhado de bruxas insignificantes vendendo seu pouco talento... Com que finalidade sinistra, mesmo? Encontrar cardumes de coraval nos bancos de areia da baía. Pelo sopro do Encapuzado, mulher, isso dificilmente é uma ameaça ao Império.

– Sem autorização. Desafiando as novas leis...

– *Suas leis, Surly. Elas não vão funcionar. Quando o imperador voltar, vai revogar sua proibição da feitiçaria, pode estar certa.*

– Você ficará feliz em saber – disse a mulher, sorrindo friamente – que a Torre sinalizou a aproximação dos transportes para os novos recrutas. Não sentiremos falta de você ou de seus soldados incansáveis e indisciplinados, comandante.

Sem mais palavras, ou mesmo um olhar para Ganoes, ela se virou e, ladeada pelos silenciosos guarda-costas, voltou para a cidadela.

O garoto e o comandante dirigiram sua atenção para o tumulto no Rato. Chamas se erguiam em meio à fumaça.

– Um dia serei um soldado – disse Ganoes.

– Apenas se você falhar em todo o resto, filho. Pegar a espada é o último ato de um homem desesperado. Guarde minhas palavras e encontre um sonho mais digno para você.

Ganoes fechou a cara.

– Você não é como os outros soldados com quem conversei. Você se parece mais com o meu pai.

– Mas eu não sou o seu pai.

– O mundo não precisa de outro comerciante de vinho.

Os olhos do comandante se estreitaram, avaliando o rapaz. Ele abriu a boca para dar a resposta óbvia, mas a fechou outra vez.

Ganoes voltou a olhar para o bairro em chamas abaixo, contente consigo mesmo. *Até um garoto, comandante, pode ter um bom argumento.*

A Grimpa do Escárnio oscilou outra vez. Fumaça quente envolveu o muro, engolfando-os e trazendo um fedor de tecido queimado, pintura e pedra chamuscadas, então de algo doce.

– Um abatedouro pegou fogo – comentou Ganoes. – Porcos.

O comandante fez uma careta. Depois de um longo tempo, suspirou e se apoiou no merlão.

– É como você diz, garoto. Como você diz...

## LIVRO I

### *Pale*

No oitavo ano, as Cidades Livres de Genabackis estabeleceram contratos com diversos exércitos mercenários, como forma de resistirem ao avanço do Império. Entre estes, destacavam-se a Guarda Escarlata, sob o comando do príncipe K'azz D'Avore (ver volumes III e V), e os regimentos tiste andii da Cria da Lua, sob o comando de Caladan Brood.

As forças do Império Malazano, comandadas pelo Alto Punho Dujek Umbrão, naquele ano consistiam do Segundo, Quinto e Sexto Exércitos, além das legiões moranthianas.

Em retrospectiva, duas observações podem ser feitas. A primeira é que a aliança moranthiana de 1156 marcou uma mudança fundamental na ciência da guerra para o Império Malazano, que se provaria eficaz a curto prazo. A segunda é que o envolvimento do feiticeiro tiste andii da Cria da Lua representou o início da ascensão da feitiçaria no continente, com consequências devastadoras.

No ano 1163 do Sono da Incineração, o Cerco de Pale terminou com uma batalha de feitiçaria que se tornou lendária...

*Campanhas imperiais, 1158-1194*

*Volume IV, Genabackis*

Imrygyn Tallobant (nasc. 1151)

# CAPÍTULO 1

As pedras antigas desta estrada  
retiniram com ferro,  
cascos negros e tambores,  
onde o vi sair caminhando  
do mar entre as colinas encharcadas de vermelho,  
no pôr do sol ele veio, um menino entre os ecos,  
filhos e irmãos todos em postos  
de fantasmas guerreiros ele passou,  
onde me sentei na derradeira e desgastada  
rocha no fim do dia –  
seu passo dizia em alta voz tudo o que eu precisava  
saber dele nesta estrada de pedra –  
o menino caminha,  
outro soldado, outro  
coração vivo ainda não resfriado  
e tornado duro ferro.

*Lamento de mãe, Anônimo*

*Ano 1161 do Sono da Incineração*

*Ano 103 do Império Malazano*

*Sétimo ano do governo da imperatriz Laseen*

– Cutucar e puxar – dizia a velha – é o jeito da imperatriz, assim como dos próprios deuses. – Ela se inclinou para o lado e cuspiu, depois levou um pano sujo aos lábios enrugados. – Mandeí três maridos e dois filhos para a guerra.

Os olhos da jovem pescadora brilhavam enquanto assistiam à coluna de soldados montados passar com estrépito; ela ouviu apenas parte do que a bruxa velha ao seu lado dissera. A respiração da moça acelerou para acompanhar o ritmo dos magníficos cavalos. Sentia o rosto queimar; um rubor que não tinha nada a ver com o calor. O dia morria à medida que o vermelho do sol se espalhava sobre as árvores à sua direita. A brisa do mar se tornara fria em seu rosto.



– Isso foi nos dias do imperador – continuou a bruxa. – Que o Encapuzado asse a alma do canalha em um espeto. Mas observe, garota, Laseen espalha os ossos dos melhores deles. Bom, ela começou com os *dele*, não foi?

A pescadora assentiu de leve. Como convinha aos de classe baixa, as duas esperavam à beira da estrada: a velha sobrecarregada sob um saco grosseiro cheio de nabos e a garota com um cesto pesado equilibrado na cabeça. Mais ou menos a cada minuto, a bruxa trocava o fardo de um ombro magro para o outro. Entre os cavaleiros que as cercavam na estrada e a vala logo atrás que revelava uma descida íngreme rumo a rochas pontiagudas, não havia onde apoiar o fardo.

– Espalha os ossos, eu disse. Ossos de maridos, ossos de filhos, ossos de esposas e ossos de filhas. É tudo a mesma coisa para ela. É tudo a mesma coisa para o Império. – A velha cuspiu outra vez. – Três maridos e dois filhos, dez moedas pela vida de cada um, a cada ano. Cinquenta moedas por ano é uma companhia fria, mocinha. Fria no inverno, fria na cama.

A pescadora limpou a poeira da testa. Seus olhos brilhantes zanzavam entre os soldados que passavam. Os jovens nas selas altas exibiam expressões severas e mantinham o olhar fixo à frente. As poucas mulheres que cavalgavam entre eles sentavam-se altivas e, de algum modo, pareciam ainda mais ferozes que os homens. O pôr do sol lançava reflexos vermelhos em seus elmos, reluzindo tanto que os olhos da garota arderam e sua visão se turvou.

– Você é a filha do pescador – prosseguiu a velha. – Eu já vi você antes na estrada, e lá embaixo, na costa. Vi você e seu pai no mercado. Ele não tem um braço, não é? Mais ossos para a coleção dela, hein? – Ela fez um gesto de corte com uma das mãos e meneou a cabeça. – A minha casa é a primeira na trilha. Uso as moedas para comprar velas. Queimo cinco toda noite, para fazerem companhia à velha Rigga. É uma casa sem importância, cheia de coisas sem importância, sendo eu uma delas, mocinha. O que você tem aí nesse cesto?

A pescadora percebeu depois de um instante que uma pergunta lhe tinha sido feita. Desviou a atenção dos soldados e sorriu para a velha.

– Desculpe. Os cavalos são muito barulhentos.

– Perguntei o que você tem no cesto, mocinha – repetiu Rigga, elevando a voz.

– Corda. O suficiente para três redes. Precisamos aprontar uma para amanhã. Papai perdeu a última: algo nas águas profundas a levou, junto com uma pesca inteira. Ilgrand Lender quer de volta o dinheiro que nos emprestou e temos que pescar amanhã. Fazer uma boa pesca. – A menina sorriu outra vez e voltou a olhar para os soldados. – Não é maravilhoso? – sussurrou ela.

De repente, Rigga agarrou o grosso cabelo preto da garota, puxando forte. A

jovem gritou. A cesta em sua cabeça balançou e deslizou para um dos ombros. Ela tentou segurá-la freneticamente, mas era pesada demais. A cesta bateu no chão e se desfez toda.

– Aaai! – gritou a moça, ofegante, tentando se ajoelhar, mas Rigga puxou seu cabelo e virou sua cabeça.

– Ouça-me, mocinha! – sibilou a velha, lançando um hálito azedo contra o rosto da garota. – O Império vem tiranizando esta terra há cem anos. Você nasceu nela. Eu, não. Quando eu tinha sua idade, Itko Kan era um país. Hasteávamos uma bandeira, e era nossa. Éramos livres, mocinha.

A jovem ficou enjoada com o bafo de Rigga e fechou os olhos com força. A velha continuou:

– Guarde esta verdade, criança, ou que a Capa de Mentiras cegue você para sempre.

A voz dela assumiu uma cadência sussurrada, e a menina enrijeceu. *Rigga, Riggalai, a Vidente, a bruxa da cera que aprisionava almas em velas e as queimava. Almas devoradas pelas chamas...* As palavras da velha carregavam o tom assustador da profecia.

– Guarde esta verdade. Eu sou a última a falar com você. Você é a última a me ouvir. Assim estamos unidas, além de todo o resto. – Os dedos de Rigga agarraram o cabelo da garota com mais força. – Para além do mar, a imperatriz enfiou sua faca em solo virgem. O sangue agora vem com a maré e vai afogar você, criança, se não tomar cuidado. Vão colocar uma espada em sua mão, lhe dar um bom cavalo e mandá-la para o outro lado daquele mar. Mas uma sombra vai abraçar sua alma. Agora, ouça! Enterre isto fundo! Rigga vai preservar você porque estamos unidas, você e eu. Mas é tudo o que posso fazer, entendeu? Olhe para o Senhor gerado na Escuridão; é dele a mão que libertará você, embora ele não vá saber...

– O que é isso? – rugiu uma voz.

Rigga voltou o rosto para a estrada. Um soldado da escolta reduzira a velocidade de sua montaria. A Vidente soltou o cabelo da moça.

A garota deu um passo cambaleante para trás. Uma pedra à beira da estrada soltou-se sob seus pés e ela caiu. Quando olhou para cima, o soldado já trotava para longe. Outro veio atrás, ribombante.

– Deixe a bonitinha em paz, bruxa – grunhiu o segundo soldado.

Ao passar, inclinou-se em sua sela e levantou a mão espalmada coberta por uma manopla. Em seguida, a luva com escamas de ferro estalou contra a cabeça de Rigga, fazendo-a girar. Ela tombou.

A pescadora gritou quando Rigga caiu pesadamente sobre suas coxas. Uma linha de saliva escarlate atingiu-a no rosto. Soluçando, a moça se arrastou pelo cascalho e usou seus pés para empurrar o corpo da bruxa para longe. Conseguiu se pôr de joelhos.

Algo na profecia de Rigga parecia cravado na cabeça da garota, pesado como uma pedra e escondido da luz. Descobriu que não podia se lembrar de uma só palavra do que a vidente dissera. Esticou o braço e alcançou o xale de lã de Rigga. Cuidadosamente, virou a mulher de barriga para cima. Um lado de sua cabeça estava coberto de sangue, que descia por trás de uma das orelhas. Mais sangue se espalhava por seu queixo vincado e manchava sua boca. Os olhos miravam cegos.

A moça recuou, incapaz de puxar o ar para os pulmões. Desesperada, olhou ao redor. A coluna de soldados passara, deixando nada além de poeira e o tremor distante de cascos. O conteúdo da sacola de Rigga se espalhara na estrada. Entre os nabos pisados havia cinco velas de sebo. A garota conseguiu inspirar profundamente o ar empoeirado. Secando o nariz, olhou para sua cesta.

– Não se importe com as velas – murmurou, com uma voz grossa e esquisita.  
– Eles se foram por ora, não foram? Apenas um espalhar de ossos. Não importa. – Ela engatinhou até os rolos de corda que haviam caído do cesto partido e, quando falou outra vez, sua voz soou jovem, normal: – Precisamos da corda. Vamos trabalhar a noite toda e preparar uma rede. Papai está esperando. Está parado à porta, olhando o caminho, esperando me ver.

Ela parou, e um calafrio percorreu-lhe a espinha. A luz do sol quase se fora. Uma friagem fora de época veio das sombras, que fluíam como água pela estrada.

– Aí vem, então – rosnou a moça suavemente, com uma voz que não era a sua. Uma mão enluvada pousou em seu ombro. Ela se abaixou, encolhendo-se.

– Calma, moça – disse uma voz masculina. – Acabou. Nada mais pode ser feito por ela.

A pescadora olhou para cima. Um homem envolto em preto se inclinou sobre ela, com o rosto oculto pela sombra de um capuz.

– Mas ele bateu nela – disse a moça, com uma voz infantil. – E temos redes para fazer, eu e papai...

– Vamos colocar você em pé – disse o homem, levando as mãos de dedos compridos para baixo dos braços da moça.

Ele se endireitou, erguendo-a sem esforço. Os pés da pescadora, calçados com sandálias, balançaram-se no ar antes que ele a pusesse de volta no chão.

Agora ela podia ver um segundo homem, mais baixo, também vestido de preto.

Este estava em pé na estrada e virado para o outro lado, olhando na direção para a qual os soldados haviam seguido. Ele falou, com uma voz fina como agulha, sem se virar para ela:

– Não era uma vida lá muito boa. Era um talento menor, há muito tempo com o Dom esgotado. Ah, ela pode ter conseguido fazer mais uma, mas nunca saberemos, não é?

A pescadora foi aos tropeços até a sacola de Rigga e pegou uma vela. Endireitou-se, seus olhos de repente duros, então cuspiu na estrada.

A cabeça do homem mais baixo se virou abruptamente na direção da moça. Dentro do capuz, as sombras pareciam brincar sozinhas. A garota recuou um passo.

– Era uma vida boa – sussurrou a pescadora. – Essas velas eram dela, sabe? Cinco. Para...

– Necromancia – interrompeu o homem mais baixo.

O mais alto, ainda ao seu lado, disse delicadamente:

– Estou vendo, criança. Entendo o que significam.

O outro homem bufou.

– A bruxa ocultou cinco almas fracas, frágeis, nada de mais. – Ele inclinou a cabeça. – Consigo ouvi-las agora. Chamando por ela.

Lágrimas encheram os olhos da garota. Uma angústia muda parecia jorrar da rocha negra em sua mente. Ela enxugou o rosto.

– De onde vocês vieram? – perguntou, de repente. – Não vimos vocês na estrada.

O homem ao seu lado indicou o caminho de cascalho.

– Da outra ponta. Esperávamos, assim como vocês.

O outro riu e, virando-se de novo para a estrada, ergueu os braços e falou:

– De fato, da outra ponta.

A garota respirou fundo quando a escuridão baixou. Um som alto e dilacerante tomou o ar por um segundo, então a escuridão se dissipou e seus olhos se arregalaram.

Havia Sete Cães enormes ao redor do homem na estrada. Os olhos das feras brilhavam em um intenso amarelo, voltados para a mesma direção que o homem.

– Ansiosos? Então vão! – a garota ouviu-o sibilar.

Sem fazer barulho, os Cães dispararam estrada abaixo. Seu mestre se virou e se dirigiu ao homem ao lado dela:

– Algo para roer a mente de Laseen – completou, rindo outra vez.

– Você precisa complicar as coisas? – replicou o outro, cansado.

O mais baixo se enrijeceu.

– Eles estão na linha de visão da coluna.

Inclinou a cabeça. Vindo de longe na estrada, ouviram-se relinchos desesperados de cavalos. O homem suspirou.

– Você tomou uma decisão, Cotillion?

O outro grunhiu, divertindo-se.

– Ao usar meu nome, Ammanas, você acabou de decidir por mim. Dificilmente poderíamos deixá-la aqui agora, não é?

– Claro que poderíamos, velho amigo, só que sem estar respirando.

Cotillion olhou para a garota.

– Não – disse ele, tranquilamente. – Ela vai servir.

A pescadora mordeu o lábio. Ainda segurando a vela de Rigga, recuou outro passo, seus olhos arregalados indo de um homem para o outro.

– Que pena – falou Ammanas.

Cotillion pareceu assentir. Então, pigarreou e acrescentou:

– Vai levar algum tempo.

– E nós temos tempo? – Havia um toque de diversão na voz de Ammanas. – A verdadeira vingança precisa da lenta e cuidadosa perseguição da vítima. Você se esqueceu da dor que ela nos infligiu aquela vez? Laseen já está contra a parede. Ela pode cair sem nossa ajuda. Onde estaria a satisfação?

A resposta de Cotillion foi fria e seca:

– Você sempre subestimou a imperatriz. Por causa disso, nossas atuais circunstâncias... Não. – Ele gesticulou para a pescadora. – Precisaremos desta aqui. Laseen provocou a ira da Cria da Lua; é como mexer em um vespeiro. Este é o momento perfeito.

Ao longe, acima dos relinchos dos cavalos, vieram os gritos de homens e mulheres, um som que perfurou o coração da moça. Seu olhar foi de Rigga na beira da estrada para Ammanas, que se aproximava. Ela pensou em correr, mas as pernas se limitavam a tremer desesperadamente. Ele chegou perto e pareceu estudá-la, embora as sombras em seu capuz permanecessem impenetráveis.

– Uma pescadora? – perguntou, em tom gentil.

Ela assentiu e Ammanas continuou:

– Você tem nome?

– Basta! – rosnou Cotillion. – Ela não é um rato sob sua pata, Ammanas. Além disso, eu a escolhi e vou escolher seu nome também.

Ammanas retrocedeu.

– Que pena – repetiu.

A garota ergueu mãos suplicantes.

– Por favor – implorou ela a Cotillion –, eu não fiz nada! Meu pai é um homem

pobre, mas vai pagar o que puder. Ele precisa de mim e da corda... Ele está esperando agora mesmo! – Ela sentiu umidade entre as pernas e rapidamente sentou-se no chão. – Não fiz nada. – Sentiu vergonha e pôs a mão no colo. – Por favor.

– Não tenho escolha, criança – disse Cotillion. – Agora você sabe nossos nomes.

– Eu nunca os ouvi antes!

O homem suspirou.

– Devido ao que está acontecendo na estrada neste momento, bem, você seria interrogada. De modo desagradável. Há quem saiba nossos nomes.

– Sabe, mocinha – acrescentou Ammanas, contendo uma risadinha –, não deveríamos estar aqui. Há nomes, e há *nomes*. – Ele se virou para Cotillion e disse, em tom gélido: – Devemos lidar com o pai dela. Meus Cães?

– Não – retrucou Cotillion. – Ele vive.

– Então, como?

– Suspeito que a cobiça bastará, uma vez que comece vida nova. – O sarcasmo preencheu suas palavras seguintes: – Estou certo de que você consegue realizar a magia necessária para isso, não consegue?

Ammanas riu e comentou:

– Tenha cuidado com sombras que trazem presentes.

Cotillion encarou a garota outra vez. Ergueu os braços. As sombras que retinham seus traços na escuridão pareciam fluir ao redor de todo o seu corpo.

Ammanas falou, e para a garota suas palavras pareceram vir de uma grande distância:

– Ela é ideal. A imperatriz nunca conseguiria rastreá-la, não conseguiria sequer adivinhar. – Erguendo a voz, acrescentou: – Não é algo tão ruim, menina, ser o peão de um deus.

– Cutucar e puxar – disse a pescadora rapidamente.

Cotillion hesitou ante seu estranho comentário, mas deu de ombros. As sombras rodopiaram para envolver a garota. Ao toque frio, a mente dela mergulhou fundo na escuridão. Sua última e fugaz sensação foi a cera mole da vela em sua mão direita, que parecia jorrar por entre os dedos de seu punho cerrado.

O capitão se remexeu em sua sela e fitou a mulher que cavalgava ao seu lado.

– Fechamos a estrada dos dois lados, conselheira. Transferimos o trânsito local para o interior. Até agora, nenhuma notícia vazou.

Ele enxugou o suor da testa e se encolheu. O gorro quente de lã embaixo do elmo deixara sua testa ferida pelo atrito.

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](https://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)